



ID: 32593690

05-11-2010

O CONVIDADO

O papel futuro da NATO



GIAMPAOLO DI PAOLA

'Chairman' do Comité Militar da NATO

O objectivo inicial da NATO, afirmado pelo primeiro secretário-geral da NATO, Lord Ismay, era "manter os russos fora, os americanos dentro e os alemães em baixo". Em 2010, podemos dizer que o objectivo é "manter a América do Norte dentro, a Europa em cima, os russos connosco e os perigos fora".

Agora enfrentamos ameaças e desafios impensáveis nos primeiros tempos da NATO. Até aos anos 1980, a principal ameaça era a URSS e o nosso foco operacional centrava-se num ataque pelo centro da Europa.

O tabuleiro de xadrez global alterou-se e as ameaças e desafios têm uma natureza sem precedentes. Quanto a Aliança foi criada, não se previa a proliferação de armas nucleares ou de destruição em massa. Imaginemos as consequências de uma arma nuclear nas mãos de terroristas ou de um Estado falhado: poderia mergulhar o mundo no

caos. Tenho dito e vou repeti-lo: as ameaças não têm fronteiras, e as fronteiras não têm ameaças. É esta a principal diferença entre o ambiente de segurança dos séculos XX e XXI.

Como vejo o papel futuro da NATO? Quais são as áreas-chave que se manterão e as que serão novas? Como será isto tudo influenciado pelos novos desafios globais de segurança?

O novo Conceito Estratégico (CE) da NATO será muito político e será adoptado na Cimeira de Lisboa, em Novembro. Não é só um texto sobre os objectivos e a sua coerência com as estruturas, instrumentos e capacidades; é também um exercício para rever em profundidade as actividades da NATO e definir o que fica e o que muda.

A natureza fundamental da NATO e o seu objectivo manter-se-ão, a defesa comum dos países membros e a garantia da sua integridade territorial sendo a principal missão da Aliança. Esta também continuará a ser o principal fórum onde a América do Norte e a Europa debatem desafios comuns, influenciam posições e pontos de vista, decidem acções comuns e partilham custos, riscos e as responsabilidades de implementar as decisões, que continuarão a ser tomadas por consenso. E os aliados podem continuar a usar a Aliança para consultas sobre qualquer ameaça à sua segurança.

Finalmente, a NATO permane-

cerá aberta para quem partilhe os mesmos princípios e valores, demonstrando vontade e capacidade de cumprir as obrigações de ser membro e contribuir para a segurança e estabilidade comuns.

Mas o que será novo? O CE centrar-se-á em três aspectos fundamentais: defesa colectiva e dissuasão, gestão de crises e promoção da segurança internacional.

O terrorismo internacional permanece como séria ameaça. Não há sinais de abrandamento nos esforços das redes terroristas em recrutar e treinar indivíduos para atacar países membros ou parceiros da NATO. As actividades de grupos extremistas, os conflitos étnicos ou atitudes ameaçadoras e acções hostis de certos Estados podem afectar outras regiões de importância vital para a segurança aliada.

A longo prazo, as mudanças climáticas podem exacerbar problemas globais como a pobreza, fome, imigração ilegal e doenças pandémicas.

Os ciberataques estão entre os desafios que exigem atenção especial e esforço, pois têm-se tornado mais organizados e caros por poderem causar danos graves às administrações, negócios, economias e infra-estruturas nacionais.

A NATO também manterá a sua postura de dissuasão nuclear, mas agindo de forma construtiva por um mundo livre dessas armas. Dissuasão credível e apoio ao controlo

de armamentos, desarmamento e não proliferação serão mantidos como parte de uma aproximação integrada à segurança aliada.

Os actuais desafios de segurança requerem uma aplicação articulada de medidas económicas, políticas e outras que vão para lá das capacidades da NATO. Esta tem um papel vital a desempenhar nessa abordagem compreensiva – mas tem de estar muito melhor interligada com outros actores internacionais, incluindo a ONU, a UE e as organizações não governamentais, com experiência e competência em áreas como construção de instituições políticas, desenvolvimento, governança, justiça e polícia, que são um pré-requisito para o sucesso de operações de carácter civil-militar cada vez mais integradas.

A NATO também continuará a dialogar com a Rússia, porque uma arquitectura de segurança euro-atlântica viável precisa de incluir a Rússia.

A nova estrutura de comandos da NATO basear-se-á no relatório de um grupo de peritos, com propostas sobre funções e pessoal, número e níveis dos comandos e quartéis-generais ou as suas ligações com as forças nacionais aliadas.

É expectável que a nova estrutura de comandos permitirá fazer poupanças consideráveis, sendo mais flexível e projectável para apoiar o conjunto de missões da NATO.